

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/335702800>

De castillo fronterizo nazarí a fortaleza castellana. Los materiales cerámicos del entorno de la Torre del Homenaje del Castillo de Moclín (Granada).

Conference Paper · October 2015

CITATIONS

0

READS

807

4 authors, including:



Alberto García Porras
University of Granada

46 PUBLICATIONS 67 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



Moisés Alonso Valladares
University of Granada

29 PUBLICATIONS 1 CITATION

[SEE PROFILE](#)



Laura Martín Ramos
University of Granada

9 PUBLICATIONS 1 CITATION

[SEE PROFILE](#)

X ACTAS DO
Congresso
Internacional
**A CERÂMICA MEDIEVAL
NO MEDITERRÂNEO**
SILVES 22 a 27.outubro'12



Coordenação editorial de:

Maria José Gonçalves
Susana Gómez-Martínez

Edição de:

Silves
câmara municipal



**X CONGRESSO INTERNACIONAL A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO SILVES - MÉRTOLA, AUDITÓRIO DA FISSUL,
22 A 27 DE OUTUBRO DE 2012**
*10TH INTERNATIONAL CONGRESS ON MEDIEVAL POTTERY IN THE MEDITERRANEAN. SILVES & MÉRTOLA, 22-27 OCTOBER
2012*

ORGANIZAÇÃO: CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES, CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA
EM COLABORAÇÃO COM: AIECM2 E CEAUCP
APOIOS: FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA, FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

COMITÉ INTERNACIONAL DO AIECM2
PRESIDENTE: SAURO GELICHI
VICE-PRESIDENTE: SUSANA GÓMEZ-MARTÍNEZ
SECRETÁRIO: JACQUES THIRIOT
TESOUREIRO: HENRI AMOURIC
SECRETÁRIO ADJUNTO: ALESSANDRA MOLINARI

MEMBROS DOS COMITÉS NACIONAIS
FRANÇA: HENRI AMOURIC, JACQUES THIRIOT, LUCY VALLAURI
ITÁLIA: SAURO GELICHI, ALESSANDRA MOLINARI, CARLO VARALDO
MAGHREB: RAHMA EL HRAIKI
MUNDO BIZANTINO: VÉRONIQUE FRANÇOIS, PLANTON PETRIDIS
PORTUGAL: MARIA ALEXANDRA LINO GASPAR, SUSANA GÓMEZ-MARTÍNEZ
ESPAÑA: ALBERTO GARCIA PORRAS, MANUEL RETUERCE, JUAN ZOZAYA STABEL-HANSEN
PRÓXIMO ORIENTE: ROLAND-PIERRE GAYRAUD

**ACTAS DO X CONGRESSO INTERNACIONAL A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO. SILVES - MÉRTOLA, 22 A 27 DE
OUTUBRO DE 2012**
*PROCEEDINGS OF 10TH INTERNATIONAL CONGRESS ON MEDIEVAL POTTERY IN THE MEDITERRANEAN. SILVES &
MÉRTOLA, 22-27 OCTOBER 2012*
SILVES, OUTUBRO DE 2015

EDIÇÃO /// PUBLISHER: CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES & CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA
COORDENAÇÃO EDITORIAL /// EDITOR: MARIA JOSÉ GONÇALVES E SUSANA GÓMEZ-MARTÍNEZ
DESIGN GRÁFICO /// GRAPHIC DESIGN: RUI MACHADO
IMPRESSÃO /// PRINTING: GRÁFICA COMERCIAL DE LOULÉ

ISBN 978-972-9375-48-4
DEPÓSITO LEGAL /// LEGAL DEPOT ??????
TIRAGEM /// PRINT RUN: 500



ACTAS DO

Congresso
Internacional

**A CERÂMICA MEDIEVAL
NO MEDITERRÂNEO**

SILVES 22 a 27.outubro*12

Não é bem como um texto escrito em belos caracteres góticos ou cúficos, contando a história de um milagre, registando um contrato encomendado pelo príncipe, ou denunciando a ameaça do reino vizinho. Não é como qualquer frase gravada na pedra ou pergaminho, que além de denunciar a sua origem de classe, porque necessariamente produzida no seio de uma elite, esconde sempre nas suas entrelinhas uma carga ideológica, quantas vezes indecifrável ou falaciosa. Ao contrário, os fragmentos de cerâmica arqueológica recolhidos numa camada estratigraficamente reconhecível, embora não pareça, são mais fiáveis, autorizando uma mais segura e escorreita informação histórica. Por vezes, quase sempre, são minúsculos ou mesmo insignificantes os fragmentos. Por vezes, quase sempre, nem sequer a forma é reconhecível e muito menos reconstituível. E no entanto a sua informação histórica é sempre preciosa. O simples perfil reclinado do lábio, a forma grácil de arquear a asa, aquela pincelada rápida de traço avermelhado ou a pequena mancha de esmalte melado são os indícios suficientes para reconstituir com verosimilhança a forma e a idade do jarro ou cântaro de água, e, com ele, alguns gestos de trabalho da camponesa que o usou e até, sem errar muito, o seu local de fabrico. Estes simples e informes fragmentos cerâmicos permitem aproximar-nos e mesmo compreender a história daqueles a quem nunca foi dado o direito de ter história, daqueles que nunca comandaram exércitos, que nunca decidiram da paz e da guerra, daqueles que nunca habitaram palácios ou castelos. À primeira vista a gramática ornamental destas bilhas e tigelas sistematiza línguas estranhas e aparentemente indecifráveis. E no entanto, os seus códigos, sem serem isotéricos, referem-se indirectamente a espaços culturais, a zonas de influência que ao longo dos séculos marcaram o Mediterrâneo, na sua fantástica diversidade. As referências mais antigas, ainda relacionadas com os entrançados romboidais da cestaria e da tecelagem, denunciam origens neolíticas e sobretudo permanências das sociedades nómadas dos tuaregues, rifenhos e pastores ibéricos. Na linguagem vegetalista com referências orientalizantes e sobretudo no que se refere à enorme e variada simbologia da Flor de Lotus de época califal, destaca-se, como é natural, a memória dos jardins e vergéis do Nilo, da Mesopotâmia e mesmo da Índia e da China. Nos encadeados de volutas de gavinhas com folhas de videira, sentimos ainda perene a longínqua referência das festas dionisíacas e báquicas da cultura greco-romana a que a Pérsia islamizada esbateu ou anulou o cacho de uva, transformando-o em inofensiva pinha. Esta linguagem cifrada, estas referências decorativas, são sinais de civilização, são marcas indelévels que identificam formas de pensar, zonas de fabrico, caminhos de intercâmbio, que permitem folhear com segurança as páginas da história.

O Presidente do Campo Arqueológico de Mértola
Cláudio Torres

INDICE

TEMA: 1 **AS CERÂMICAS NO SEU CONTEXTO** **POTTERY WITHIN ITS CONTEXT**

SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ | MARIA JOSÉ GONÇALVES | ISABEL INÁCIO | CONSTANÇA DOS SANTOS | CATARINA COELHO | MARCO LIBERATO | ANA SOFIA GOMES | JACINTA BUGALHÃO | HELENA CATARINO | SANDRA CAVACO | JAQUELINA COVANEIRO | ISABEL CRISTINA FERNANDES

1. A CIDADE E O SEU TERRITÓRIO NO GHARB AL-ANDALUS ATRAVÉS DA CERÂMICA 19
ROLAND-PIERRE GAYRAUD | JEAN-CHRISTOPHE TREGLIA
2. LA CÉRAMIQUE D'UNE MAISON OMEYYADE DE FUSTÂT - ISTABL 'ANTAR (LE CAIRE, ÉGYPTE). VAISSELLES DE TABLE, CÉRAMIQUES COMMUNES ET CULINAIRE, JARRES DE STOCKAGE ET AMPHORES DE LA PIÈCE P5 (PREMIÈRE MOITIÉ DU VIII^e S.) 51
VÍCTOR CAÑAVATE CASTEJÓN | SONIA GUTIÉRREZ LLORET
3. CERÁMICA, ESPACIO DOMÉSTICO Y VIDA SOCIAL: EL TEMPRANO AL-ANDALUS EN EL SUDESTE PENINSULAR A LA LUZ DE EL TOLMO DE MINATEDA (HELLÍN, ALBACETE) 56
JOSÉ AVELINO GUTIÉRREZ GONZÁLEZ | JOSÉ LUIS HERNANDO GARRIDO | HORTENSIA LARRÉN IZQUIERDO | FERNANDO MIGUEL HERNÁNDEZ | JUAN ZOZAYA STABEL-HANSEN | CARMEN BENÉITEZ GONZÁLEZ
4. NOTAS SOBRE LA CERÁMICA EN LA ICONOGRAFÍA CRISTIANA DEL NORTE PENINSULAR (SS. X-XII) 68
VANESSA FILIPE
5. ISLAMIC POTTERY FROM THE ÉVORA MUNICIPAL MUSEUM 84
MARCELLA GIORGIO
6. CERAMICS AND SOCIETY IN PISA IN MIDDLE AGES 93
MÁRIO VARELA GOMES | ROSA VARELA GOMES
7. A CERÂMICA E O SAGRADO, NO RIBÂT DA ARRIFANA (ALJEZUR, PORTUGAL) (SÉC. XII) 106
FRANCESCO M. P. CARRERA | BEATRICE FATIGHENTI | CATERINA TOSCANI
8. LE CERAMICHE E LE ATTIVITÀ PRODUTTIVE. RECENTI ACQUISIZIONI DA UN QUARTIERE ARTIGIANALE DI CHINZICA (PI) 114
VESNA BIKIĆ
9. CONTEXT, CHARACTER AND TYPOLOGY OF POTTERY FROM THE ELEVENTH AND TWELFTH CENTURY DANUBE FORTRESSES: CASE STUDIES FROM MORAVA AND BRANIČEVO 125
VALENTINA VEZZOLI
10. THE AREA OF BUSTAN NASSIF (BAALBEK) BETWEEN THE 12TH AND THE EARLY 15TH CENT.: THE CERAMIC EVIDENCE 133
ELENA SALINAS
11. USO Y CONSUMO DE LA CERÁMICA ALMOHADE EN CÓRDOBA (ESPAÑA) 139
MARCELLO ROTILI
12. ASPETTI DELLA PRODUZIONE IN CAMPANIA NEL BASSO MEDIOEVO 148
ALESSANDRA MOLINARI | VALERIA BEOLCHINI | ILARIA DE LUCA | CHIARA DE SANTIS
EMANUELA FRESI | LAURA ORLANDI | GIORGIO RASCAGLIA | MARCO RICCI | JACOPO RUSSO
13. STILI DI VITA, PRODUZIONI E SCAMBI: LA CITTÀ DI ROMA A CONFRONTO CON ALTRI SITI DEL LAZIO. SECOLI IX-XV 158
SILVINA SILVÉRIO | ELISABETE BARRADAS
14. A CERÂMICA MEDIEVAL E TARDO-MEDIEVAL NA BEIRA INTERIOR: MATERIAIS PROVENIENTES DOS CASTELOS DE CASTELO NOVO E PENAMACOR (SÉCS. XII – XVI) 180
ISABEL MARIA FERNANDES
15. A CERÂMICA E SEU USO EM PORTUGAL, A PARTIR DE POSTURAS, TAXAS E REGIMENTOS DE OLEIROS (SÉC. XII A XVIII): A ANÁLISE DE ALGUMAS PEÇAS 188
MARGHERITA FERRI | CECILIA MOINE | LARA SABBIONESI
16. THE SOUND OF SILENCE. SCRATCHED MARKS ON LATE MEDIEVAL AND EARLY MODERN POTTERY FROM NUNNERIES: PRACTICE AND SIGNIFICANCE 203

	HENRI AMOURIC LUCY VALLAURI	
17.	LA VIE DE CHÂTEAU D'UN VAISSELIER : ROQUEVAIRE PRÈS MARSEILLE, 1593	215
	ALEXANDRA GASPAR ANA GOMES	
18.	RECIPIENTES DE MEDIDAS DA CIDADE DE LISBOA	229
	ANDREIA AREZES	
19.	FORMAS CERÂMICAS E SEU SIGNIFICADO SIMBÓLICO NA ALTA IDADE MÉDIA	236
	VICTORIA AMORÓS RUIZ	
20.	LA ESTRATIGRAFÍA COMO HERRAMIENTA	242
	CRISTINA CAMACHO CRUZ	
21.	CANDILES DE PIQUERA. USO Y MORFOLOGÍA EN LA CÓRDOBA DEL SIGLO X	248
	SARA ALMEIDA ALEXANDRE VALINHO JOÃO NUNO MARQUES	
22.	CONJUNTO MEDIEVAL CERÂMICO NO CONTEXTO DA LINHA DE MURALHA DE CACELA VELHA (PORTUGAL)	253
	SILVINA SILVÉRIO ELISABETE BARRADAS	
23.	OCUPAÇÃO ISLÂMICA NA VERTENTE SUDOESTE DA VÁRZEA DE ALJEZUR – O SÍTIO DA BARRADA E A ENVOLVENTE DA IGREJA MATRIZ DE N. SRA. DA ALVA	257
	MARIA JOÃO DE SOUSA	
24.	UMA HABITAÇÃO DO SÉCULO XI/XII SOB A MURALHA DO CASTELO DOS MOUROS DE SINTRA – EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS DE UM CONTEXTO DOMÉSTICO	262
	MANUEL JESÚS LINARES LOSA	
25.	UN NUEVO LOTE CERÁMICO DEL POBLADO FORTIFICADO MEDIEVAL DE “EL CASTILLEJO” (LOS GUÁJARES, GRANADA). LA CASA 7	266
	MARIA INÊS RAIMUNDO VANESSA DIAS	
26.	AL-MADAN E O SEU CONTEXTO NA PENÍNSULA IBÉRICA	271
	VANESSA FILIPE CLEMENTINO AMARO	
27.	CASTLE OF TORRES VEDRAS. ARCHAEOLOGICAL PERSPECTIVES ON A MEDIEVAL CONTEXT	275
	ALBERTO GARCÍA PORRAS MANUEL JESÚS LINARES LOSA MOISÉS ALONSO VALLADARES LAURA MARTÍN RAMOS	
28.	DE CASTILLO FRONTERIZO NAZARÍ A FORTALEZA CASTELLANA. LOS MATERIALES CERÁMICOS DEL ENTORNO DE LA TORRE DEL HOMENAJE DEL CASTILLO DE MOCLÍN (GRANADA)	279
	PILAR LAFUENTE IBÁÑEZ	
29.	CERÁMICA MUDÉJAR SEVILLANA HALLADA EN LA EXCAVACIÓN DEL SOLAR Nº 16 DE LA CALLE CERVANTES DE CORIA DEL RÍO (SEVILLA, ESPAÑA). LOS MATERIALES DEL POZO B	285
	SARA ALMEIDA SUSANA TEMUDO	
30.	CERÂMICA DO SÉCULO XIII, NO CONTEXTO DO BAIRRO JUDAICO DE COIMBRA (PORTUGAL)	291
	TÂNIA MANUEL CASIMIRO TELMO SILVA DÁRIO NEVES CAROLINA SANTOS*	
31.	CERÂMICAS MEDIEVAIS DA RUA DA CORREDOURA (ÉVORA)	298
	ALBERTO LÓPEZ MULLOR	
32.	LA CERÁMICA DEL MAS MONTGRÒS, EL BRULL (BARCELONA), SIGLOS XI-XV	303
	ANTÓNIO MANUEL S. P. SILVA MANUELA C. S. RIBEIRO	
33.	CERÂMICAS MEDIEVAIS (SÉCS. IX-XII) DO CASTELO DE AROUCA (N. PORTUGAL)	310
	M. CARMEN RIU DE MARTÍN	
34.	LADRILLEROS BARCELONESES DE LA PRIMERA MITAD DEL SIGLO XV	318
	ALEXANDRA GASPAR ANA GOMES	
35.	CERÂMICAS PINTADAS A BRANCO DO SÉCULO XV/XVI ENCONTRADAS NO CASTELO DE S. JORGE, LISBOA, PORTUGAL	326
	LUÍS SERRÃO GIL	
36.	ENTRE TACHOS E PANELAS: CERÂMICA MEDIEVAL DO SILO DO CASTELO DE PORTO DE MÓS	333

- MARIA RAFFAELLA CATALDO
37. CERAMICA RIVESTITA DAL CASTELLO DI CIRCELLO (BENEVENTO) 340
- GONÇALO LOPES | JOSÉ RUI SANTOS
38. CERÂMICAS ISLÂMICAS DA NATATIO DAS TERMAS ROMANAS DE ÉVORA 346
- MARIA JOSÉ GONÇALVES
39. CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DOS UTENSÍLIOS DO QUOTIDIANO DE UM ARRABALDE ISLÂMICO DE SILVES: A CERÂMICA DECORADA A VERDE E MANGANÊS 353

TEMA: 2

CERÂMICA E ALIMENTAÇÃO

POTTERY AND FOOD

- JOANITA VROOM
40. THE ARCHAEOLOGY OF CONSUMPTION IN THE EASTERN MEDITERRANEAN: A CERAMIC PERSPECTIVE 359
- F. CANTINI | S. G. BUONINCONTRI | B. FATIGHENTI
41. CERAMICA E ALIMENTAZIONE NEL MEDIO VALDARNO INFERIORE MEDIEVALE: IL CASO DI SAN GENESIO (SAN MINIATO-PI) 368
- JAQUELINA COVANEIRO | SANDRA CAVACO
42. ENTRE TACHOS E PANELAS: A EVOLUÇÃO DAS FORMAS DE COZINHA (TAVIRA) 377
- JUAN ZOZAYA
43. CACHARROS, FUEGOS, COMIDAS, SERVICIOS, ESCRITURAS... 387
- TÂNIA MANUEL CASIMIRO | LUÍS DE BARROS
44. DE QUEM SÃO ESTAS OLLAS? COMER, BEBER, ARMAZENAR EM ALMADA NO SÉCULO XIII 392

TEMA: 3

O MEDITERRÂNEO E O ATLÂNTICO

THE MEDITERRANEAN AND THE ATLANTIC

- ANTÓNIO MANUEL S. P. SILVA | PEDRO PEREIRA | TERESA P. CARVALHO
45. CONJUNTOS CERÂMICOS DO CASTELO DE CRESTUMA (VILA NOVA DE GAIA, N. PORTUGAL). PRIMEIROS ELEMENTOS PARA UMA SEQUÊNCIA LONGA (SÉCS. IV-XI) 401
- JORGE DE JUAN ARES | YASMINA CÁCERES GUTIÉRREZ | MARÍA DEL CRISTO GONZÁLEZ MARRERO | MIGUEL ÁNGEL HERVÁS HERRERA | JORGE ONRUBIA PINTADO
46. OBJETOS PARA UN ESPACIO Y UN TIEMPO DE FRONTERA: EL MATERIAL CERÁMICO DE FUM ASACA EN SBUYA, PROVINCIA DE SIDI IFNI, MARRUECOS (SS. XV-XVI) 420
- HUGO BLAKE | MICHAEL J. HUGHES
47. THE MEDITERRANEAN AND THE ATLANTIC ARCHAOMETRICAL RESEARCH ON THE PROVENANCE OF 'MEDITERRANEAN MAIOLICA' AND ITALIAN POTTERY FOUND IN GREAT BRITAIN 432
- HENRI AMOURIC | GUERGANA GUIONOVA | LUCY VALLAURI
48. CÉRAMIQUES AUX ÎLLES D'AMÉRIQUE. LA PART DE LA MÉDITERRANÉE (XVIIIE-XIXE S.) 440
- RODRIGO BANHA DA SILVA | ADRIAAN DE MAN
49. PALÁCIO DOS CONDES DE PENAFIEL: A SIGNIFICANT LATE ANTIQUE CONTEXT FROM LISBON 455
- MARCO LIBERATO | HELENA SANTOS
50. CIRCULAÇÃO DE MATERIAIS SETENTRIONAIS NA SANTARÉM MEDIEVAL 461
- MIGUEL BUSTO ZAPICO | JOSÉ AVELINO GUTIÉRREZ GONZÁLEZ | ROGELIO ESTRADA GARCÍA
51. LAS LOZAS DE LA CASA CARBAJAL SOLÍS, PUNTO DE ENCUENTRO ENTRE EL MEDITERRÂNEO Y EL NORTE DE EUROPA 466
- ARMANDO SABROSA† | INÊS PINTO COELHO | JACINTA BUGALHÃO
52. AS PORCELANAS DA SÉ DA CIDADE VELHA, ILHA DE SANTIAGO, CABO VERDE 473

TEMA: 4
EVOLUÇÃO E TRANSFERÊNCIA DAS TÉCNICAS
EVOLUTION AND TRANSFER OF TECHNIQUES

- JOAN NEGRE PÉREZ
53. PRODUCCIONES CERÁMICAS EN EL DISTRITO DE ȚURȚUȘA ENTRE LA ANTIGÜEDAD TARDÍA Y EL MUNDO ISLÁMICO (SIGLOS VI-XII) 483
- KONSTANTINOS T. RAPTIS
54. BRICK AND TILE PRODUCING WORKSHOPS IN THE OUTSKIRTS OF THESSALONIKI FROM FIFTH TO FIFTEENTH CENTURY: A STUDY OF THE FIRING TECHNOLOGY THAT HAS BEEN DIACHRONICALLY APPLIED IN THE CERAMIC WORKSHOPS OF A LARGE BYZANTINE URBAN CENTER 493
- LÍDIA FERNANDES | JOÃO COROADO | MARCO CALADO | CHIARA COSTANTINO
55. OCUPAÇÃO MEDIEVAL ISLÂMICA NO MUSEU DE LISBOA -TEATRO ROMANO DE LISBOA: O CASO DO APROVEITAMENTO DO *POST SCAENIUM* NO DECURSO DO SÉCULO XII 509
- ROSALIND A WADE HADDON
56. WHAT WAS COOKING IN ALEPPO IN THE TWELFTH AND THIRTEENTH CENTURIES? 519
- IBRAHIM SHADDOUD
57. PRODUCTION DE POTERIE CHEZ LES NIZARITES DE SYRIE : L'ATELIER DE MASSYAF (MILIEU XII^e-PREMIER TIERS DU XIV^e SIÈCLE) 525
- SERGIO ESCRIBANO-RUIZ | JOSE LUIS SOLAUN BUSTINZA
58. LA INTRODUCCIÓN Y NORMALIZACIÓN DE LA CERÁMICA VIDRIADA EN EL CANTÁBRICO ORIENTAL A LA LUZ DEL REGISTRO CERÁMICO DE VITORIA-GASTEIZ (SIGLOS XII-XV) 534
- JAUME COLL CONESA | JOSEP PÉREZ CAMPS | MARTA CAROSCIO | JUDIT MOLERA
TRINITAT PRADELL | GLÓRIA MOLINA
59. ARQUEOLOGÍA, ARQUEOMETRÍA Y CADENAS OPERATIVAS DE LA CERÁMICA DE MANISES LOCALIZADA EN EL SOLAR FÁBRICAS N^o 1 (BARRI D'OBRADORS, MANISES, CAMPAÑA 2011) 549
- JACQUES THIRIOT | DAVID OLLIVIER | VÉRONIQUE RINALDUCCI
60. FOUILLER LES ENCYCLOPÉDISTES : TRANSFERT DE MODÈLES AUX ANTILLES FRANÇAISES 560
- ELENA SALINAS | JUAN ZOZAYA
61. PECHINA: EL ANTECEDENTE DE LAS CERÁMICAS VIDRIADAS ISLÁMICAS EN AL-ANDALUS 573
- GUERGANA GUIONOVA | ROCCO RANTE
62. APERÇU SUR LA PRODUCTION DES ATELIERS DE PAYKEND, OASIS DE BUKHARA, OUZBÉKISTAN 577
- KRINO P. KONSTANTINIDOU | KONSTANTINOS T. RAPTIS
63. ARCHAEOLOGICAL EVIDENCE OF AN ELEVENTH-CENTURY KILN WITH RODS IN THESSALONIKI 589
- LAURA APARICIO SÁNCHEZ
64. EL ALFAR CORDOBÉS DE OLLERÍAS Y SUS PRODUCCIONES (SIGLOS XII-XIII) 596
- SERGEY BOCHAROV | ANDREY MASLOWSKIY
65. THE EASTERN CRIMEAN CENTERS OF GLAZE POTTERY PRODUCTION IN 13TH AND 14TH CENTURIES 604
- JAUME COLL CONESA | CLODOALDO ROLDÁN GARCÍA
66. COMPOSICIÓN DEL PIGMENTO DE COBALTO Y CRONOLOGÍA DE LA AZULEJERÍA MEDIEVAL DE MANISES (VALENCIA) CONSERVADA EN EL MUSEO NACIONAL DE CERÁMICA 608
- JULIA BELTRÁN DE HEREDIA BERCERO | CLAUDIO CAPELLI | ROBERTA DI FEBO
MARISOL MADRID I FERNÁNDEZ | ROBERTA DI FEBO | JAUME BUXEDA I GARRIGÓS
67. IMITACIONES DE CERÁMICAS À TACHES NOIRES EN BARCELONA EN EL S. XVIII. DATOS ARQUEOLÓGICOS Y ARQUEOMÉTRICOS 613
- ANNA RIDOVICS | BERNADETT BAJNÓCZI | GÉZA NAGY | MÁRIA TÓTH
68. THE TRANSFER OF THE TIN-GLAZED FAIENCE TECHNOLOGY BY HUTTERITE ANABAPTISTS TO EAST-CENTRAL EUROPE DURING 16TH AND 17TH CENTURIES 619

TEMA: 5

CERÂMICA E COMÉRCIO

CERAMICS AND TRADING

YASEMIN BAGCI VROOM

69. A NEW LOOK ON MEDIEVAL CERAMICS FROM THE OLD GÖZLÜKULE EXCAVATIONS: A PRELIMINARY PRESENTATION 627

EVELINA TODOROVA

70. POLICY AND TRADE IN THE NORTHERN PERIPHERY OF THE EASTERN MEDITERRANEAN: AMPHORA EVIDENCE FROM PRESENT-DAY BULGARIA (7TH-14TH CENTURIES) 637

ISABEL CRISTINA FERNANDES | CLAIRE DÉLÉRY | SUSANA GÓMEZ | MARIA JOSÉ GONÇALVES | ISABEL INÁCIO | CONSTANÇA DOS SANTOS | CATARINA COELHO
MARCÓ LIBERATO | ANA SOFIA GOMES | JÁCINTA BUGALHÃO | HELENA CATARINO
SANDRA CAVACO | JAQUELINA COVANEIRO

71. O COMÉRCIO DA CORDA SECA NO GHARB AL-ANDALUS 649

CLAUDIO FILIPPO MANGIARACINA

72. LA SICILIA ISLAMICA: PRODUZIONE, CIRCOLAZIONE E CONSUMO DI CERAMICA (IX-PIENO XI SECOLO) 667

GUERGANA GUIONOVA

73. CÉRAMIQUE D'IMPORTATION DU XIVE AU XVIIIE S. EN BULGARIE 681

INÉS M^ª CENTENO CEA | ÁNGEL L. PALOMINO LÁZARO | MANUEL MORATINOS GARCÍA
M^ª J. NEGREDO GARCÍA | J.E. SANTAMARÍA GONZÁLEZ

74. CERÂMICA DE COCINA RUGOSA DE PASTAS CLARAS/CAMPURRIANA VERSUS CERÂMICA GRANÍTICA/ZAMORANA. PATRONES DE DISTRIBUCIÓN Y EXPANSIÓN EN ÉPOCA BAJOMEDIEVAL Y EN LA TRANSICIÓN A LA EDAD MODERNA EN EL NORTE DE CASTILLA Y LEÓN 692

VASSILEIOS D. KOROSIS

75. CONSUMPTION AND IMPORTATION OF CERAMICS IN A FAIRLY UNKNOWN SITE OF LATE ROMAN GREECE. A CASE STUDY FROM MEGARA, ATTICA, GREECE 701

NATALIA GUINKUT | VICTOR LEBEDINSKI | JULIA PRONINA

76. MEDIEVAL AMPHORAE FROM SHIPWRECKS NEAR CHERSONES TAURICA 707

VICTOR FILIPE | MARCO CALADO | SANDRA GUERRA | ANTÓNIO VALONGO
JOÃO LEÓNIDAS | ROMÃO RAMOS | MARGARIDA ROCHA | JACINTA COSTA | NATALIA GINKUT

77. A CERÂMICA DE IMPORTAÇÃO NO ARRABALDE OCIDENTAL DE LUXBUNA (LISBOA). DADOS PRELIMINARES DA INTERVENÇÃO REALIZADA NO HOTEL DE SANTA JUSTA 711

SYLVIE YONA WAKSMAN

78. LATE MEDIEVAL POTTERY PRODUCTION IN SOUTH WESTERN CRIMEA: LABORATORY INVESTIGATIONS OF CERAMICS FROM CEMBALO (REGION OF SEBASTOPOL / CHERSONESOS)* 719

RAFFAELLA CARTA

79. LA CERAMICA ITALIANA INDICATORE DEL COMMERCIO TRA IL MEDITERRANEO OCCIDENTALE E L'ATLANTICO (SECOLI XV-XVII) 724

JULIA BELTRÁN DE HEREDIA BERCERO | NÚRIA MIRÓ I ALAIX

80. BARCELONA Y EL COMERCIO INTERIOR DE CERÂMICA EN EL SIGLO XVII Y PRINCIPIOS DEL XVIII: VILAFRANCA DEL PENEDÉS (BARCELONA), TERUEL, VILLAFELICHE Y MUEL (ZARAGOZA), VALENCIA, TALAVERA DE LA REINA (TOLEDO), SEVILLA Y PORTUGAL 729

TEMA: 6

NOVAS DESCOBERTAS

NEW DISCOVERIES

RICARDO COSTEIRA DA SILVA

81. MEDIEVAL POTTERY FROM THE FORUM OF AEMINIUM (COIMBRA, PORTUGAL) : A PROPOSAL OF CHRONO-TYOLOGICAL EVOLUTION 739

	ABDALLAH FILI	
82.	LE DÉCOR DE LA CÉRAMIQUE DE FÈS À L'ÉPOQUE MÉRINIDE, TYPOLOGIE ET STATISTIQUES	750
	SOPHIE GILOTTE YASMINA CÁCERES GUTIÉRREZ JORGE DE JUAN ARES	
83.	UN AJUAR DE ÉPOCA ALMORÁVIDE PROCEDENTE DE ALBALAT (CÁCERES, EXTREMADURA)	763
	MARCO LIBERATO	
84.	A PINTURA A BRANCO NA SANTARÉM MEDIEVAL. SÉCULOS XI A XVI	777
	THIERRY JULLIEN MOHAMED KBIRI ALAOU VIRGINIE BRIDOUX ABDELFATTAH ICHKHAKH EMELINE GRISONI CÉLINE BRUN SÉVERINE LECLERCQ HICHAM HASSINI HALIMA NAJI	
85.	LES CÉRAMIQUES MÉRINIDES DE KOUASS (ASILAH-BRIECH, MAROC)	792
	ELVANA METALLA	
86.	LA CÉRAMIQUE MÉDIÉVALE EN ALBANIE : RELATIONS ENTRE LES PRODUCTIONS BYZANTINES ET ITALIENNES	807
	ANDRÉ TEIXEIRA AZZEDDINE KARRA PATRÍCIA CARVALHO	
87.	LA CÉRAMIQUE MÉDIÉVALE D'AZEMMOUR (MAROC) : DONNÉES PRÉLIMINAIRES SUR DES VESTIGES DE PRODUCTION POTIÈRE	819
	EBRU FATMA FINDIK	
88.	MEDIEVAL GLAZED CERAMICS FROM MYRA AND NEW RESULTS	831
	SERGEY BOCHAROV ANDREY MASLOWSKIY AIRAT SITDIKOV	
89.	THE KASHI POTTERY IN THE WESTERN REGIONS OF GOLDEN HORDE	840
	ÉLVIO DUARTE MARTINS SOUSA FERNANDO CASTRO	
90.	NOVOS DADOS QUÍMICOS DE FORMAS DE PÃO-DE AÇÚCAR PRODUZIDAS EM PORTUGAL: SÉCULOS XV A XVI	846
	ALEXANDRA GASPAR ANA GOMES	
91.	CERÂMICAS COMUNS DA ANTIGUIDADE TARDIA PROVENIENTES DO CLAUSTRO DA SÉ DE LISBOA – PORTUGAL	851
	M ^ª TERESA XIMÉNEZ DE EMBÚN SÁNCHEZ	
92.	TIPOS Y CONTEXTOS CERÁMICOS EN EL YACIMIENTO EMIRAL DEL CABEZO PARDO (SAN ISIDRO, ALICANTE). UNA BREVE REFLEXIÓN SOBRE LA CULTURA MATERIAL EN EL SE PENINSULAR	861
	CRISTINA GONZALEZ	
93.	QUINTA DA GRANJA 1: CERÂMICA EMIRAL DE UM POVOADO DA ÉSTREMADURA	866
	DÉBORA MARCELA KISS	
94.	LA CERÁMICA DEL TOSSAL DEL MORO (BENILLOBA, ALACANT). PRIMEROS RESULTADOS DEL ESTUDIO DE LOS FONDOS DEPOSITADOS EN EL CENTRE D'ESTUDIS CONTESTANS	875
	CRISTINA GARCIA PATRÍCIA DORES CATARINA OLIVEIRA MIGUEL GODINHO	
95.	TIPOLOGIA E FUNCIONALIDADE NAS CERÂMICAS DA CASA I DO BAIRRO ISLÂMICO DO POÇO ANTIGO EM CACELA-A-VELHA	882
	MANUEL RETUERCE VELASCO MANUEL MELERO SERRANO	
96.	AZULEJOS ALMOHADES VIDRIADOS A MOLDE DE CALATRAVA LA VIEJA (1195-1212)	887
	ANA CRISTINA RAMOS MIGUEL SERRA	
97.	NOVOS DADOS SOBRE HALQAL-ZAWIYA (LAGOS, PORTUGAL)	893
	KAREN ÁLVARO M. DOLORES LÓPEZ ESTHER TRAVÉ	
98.	UNA NUEVA CONTRIBUCIÓN AL ESTUDIO DE LA LOZA BARCELONESA DECORADA EN VERDE Y MANGANESO	900
	CARLOS BOAVIDA	
99.	MEDIEVAL POTTERY FROM THE CASTLE OF CASTELO BRANCO (PORTUGAL)	906
	FRANCISCO MELERO GARCÍA	
100.	POTTERY OF THE NASRID PERIOD OF CÁRTAMA (MÁLAGA)	912

101. A CAPELA DE SÃO PEDRO DA CAPINHA ATRAVÉS DOS MATERIAIS: A CERÂMICA MEDIEVAL 917
- RICARDO COSTEIRA DA SILVA
102. “TRAÇOS MOURISCOS” NA CERÂMICA DO SÉCULO XV DO ANTIGO PAÇO EPISCOPAL DE COIMBRA (MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO) 924
- IRYNA TESLENKO
103. CRIMEAN LOCAL GLAZED POTTERY OF THE 15TH CENTURY 928
- MARIA JOSÉ GONÇALVES
104. CERÂMICA EM CORDA SECA DE UM ARRABALDE ISLÂMICO DE SILVES: CONTRIBUTO PARA O SEU ESTUDO 934

TEMA: 1

AS CERÂMICAS NO SEU CONTEXTO
POTTERY WITHIN ITS CONTEXT

DE CASTILLO FRONTERIZO NAZARÍ A FORTALEZA CASTELLANA. LOS MATERIALES CERÁMICOS DEL ENTORNO DE LA TORRE DEL HOMENAJE DEL CASTILLO DE MOCLÍN (GRANADA)¹

Resumen: Las últimas excavaciones realizadas en el castillo de Moclín nos han permitido conocer con detalle la evolución de esta fortaleza así como las funciones que desempeñaban cada uno de los espacios explorados. El estudio de los materiales cerámicos recuperados, objeto del presente trabajo, ha sido en este sentido fundamental.

Abstract: Last excavations carried out in Moclín's castle have allowed us to know in detail the evolution of this fortress as well as the duties performed by every single explored area. The study of the recovered ceramic materials, main aim of this work, has been fundamental in this sense.



Fig.1 Vista general del castillo de Moclín (Granada)

EL CASTILLO DE MOCLÍN

1. LOCALIZACIÓN Y DESCRIPCIÓN DEL CASTILLO

El castillo de Moclín (Granada) se ubica entre las estribaciones orientales de la sierra de Parapanda y la del Marqués, sobre la población del mismo nombre y a unos 1100 m. de altitud. El dominio visual desde el castillo es extraordinario. Al S se contempla la vega de Granada, los Montes y parte de la tierra del Quempe. Al N se observan con claridad las tierras de Alcalá la Real (Jaén), destacando la Mota, su castillo. Al igual que el resto de los recintos fortificados fronterizos de este sector, Moclín controla el paso natural, abierto por el río Velillos, que pone en comunicación las tierras de Alcalá la Real y del valle del Guadalquivir con la vega de Granada.

A pesar de encontrarnos ante un castillo de innegable importancia estratégica, las referencias que las fuentes documentales nos refieren sobre Moclín y su tierra son muy escasas con anterioridad a su conquista por las tropas castellanas. La primera mención que poseemos sobre el

castillo procede de la crónica de Alfonso X (Rosell, 1953: 18), en donde se menciona Moclín durante una incursión cristiana que tuvo lugar en 1280, es decir, en la etapa inicial del reino nazarí. Estas referencias aumentarán conforme las incursiones castellanas por estas tierras se hagan más continuas una vez caída en manos cristianas Alcalá la Real (1431), cuando la fortaleza de Moclín quede colocada en la primera línea de defensa; situación que mantendrá hasta julio de 1486 cuando fue conquistada por los Reyes Católicos.

Desde el punto de vista topográfico, el castillo de Moclín presenta una planta irregular, adaptada al terreno. Posee un doble recinto amurallado (Fig. 2). El primero, la denominada Villa, ocupa la ladera S del cerro; su muralla, levantada con mampostería organizada en hiladas separadas por verdugadas de ripios, reforzadas sus esquinas con cantería y rematada con un almenado de tapial, se apoya sucesivamente en torres cuadradas y semicirculares. Una de ellas, la más meridional, sirvió de acceso al recinto. El segundo recinto amurallado corona el cerro y se compone de un doble lienzo de muralla. El externo, que incluye al N un antemural, fue construido con mampostería y en forma de cremallera, sin torres claramente

* Universidad de Granada

¹ Trabajo realizado en el marco del Proyecto de Investigación «Los agentes locales del poder en el Reino Nazarí: impacto en la red social y capacidad de liderazgo», MCI (HAR2011-24125).

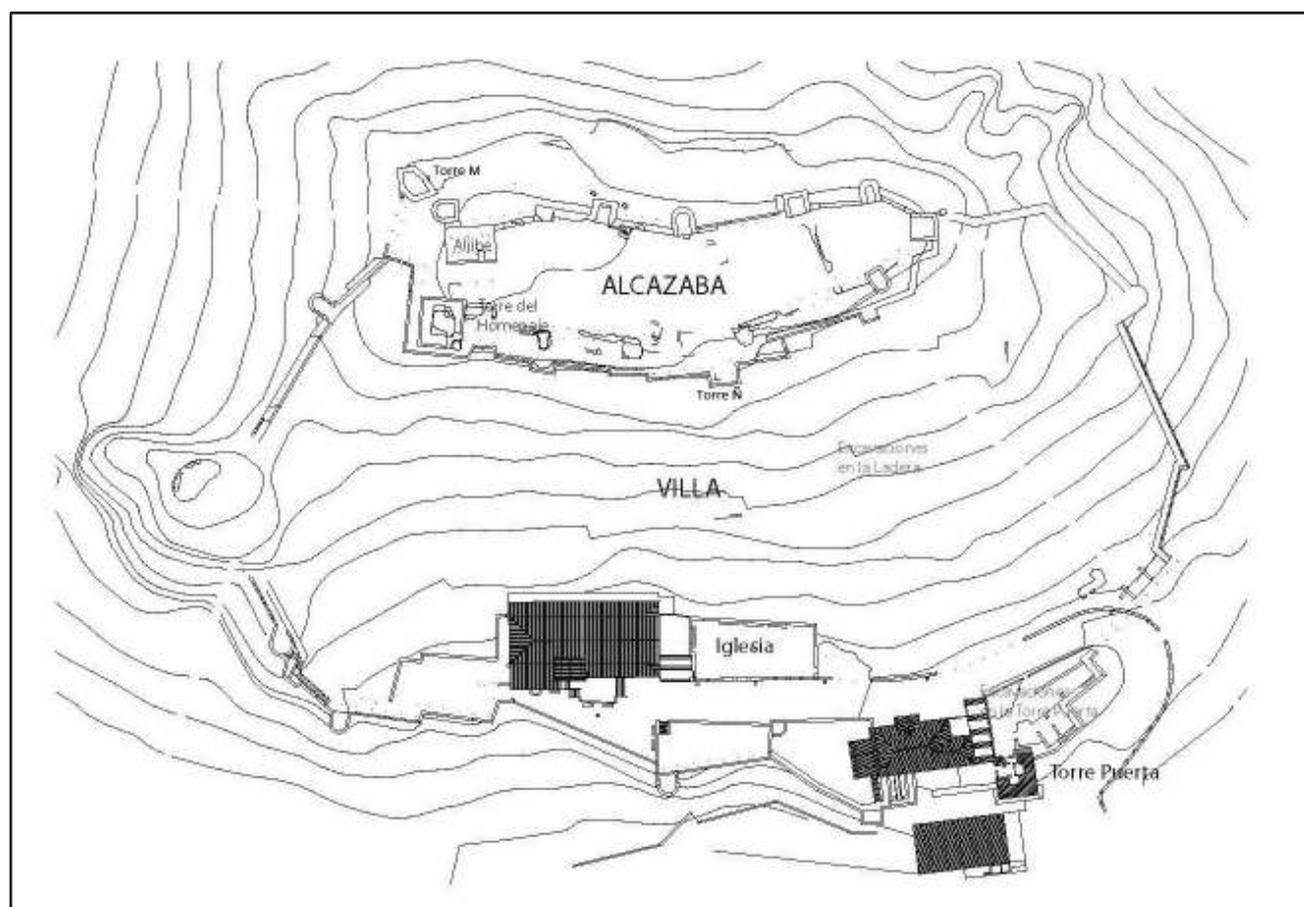


Fig.2 Plano del castillo de Moclín

definidas, a excepción de la que sirvió de acceso al recinto (torre N). El interno es el único en el que hallamos algunas estructuras levantadas con tapial calicastro. En el interior de este recinto superior pueden observarse algunos elementos importantes, en especial una Torre del Homenaje junto a un gran aljibe en el extremo occidental. Observábamos también semienterradas en él algunas estructuras que nos indicaban las distintas estancias en que pudo estar articulado.

2. LAS EXCAVACIONES EN LOS ALREDEDORES DE LA TORRE DEL HOMENAJE.

Las últimas intervenciones arqueológicas realizadas en el castillo se han centrado en el recinto superior o Alcazaba². Debido a que encontramos un mayor número de edificios en el área occidental, las intervenciones se iniciaron en el espacio alrededor de la Torre del Homenaje, el aljibe y la Torre M (Fig. 3). La intervención arqueológica realizada en esta zona nos permitió conocer las transformaciones experimentadas por el castillo desde sus momentos iniciales hasta su abandono (García, 2014).

El núcleo de tapial calicastro de la Torre del Homenaje era en realidad una torre precedente que formaba parte de un primer castillo, un *hišn*, de probable cronología almohade.

Esta torre estaba ubicada en el extremo SW del mismo y quedó enlazada por medio de sendos lienzos de muralla de mampostería con las torres L (al N) y B (al E). La siguiente fase documentada es la referida a la construcción del castillo fronterizo. Sabemos por *Ibn al-Jaṭīb* que los monarcas nazaríes a mediados del XIV emprendieron un programa de reforzamiento de la línea fronteriza, en donde quedaba ya incluida la fortaleza de Moclín. Lo más característico de este programa es la técnica empleada: mampostería ordinaria en hiladas con ripios, almenado de tapial, esquinas de cantería, y un revestimiento pañeado dejando al descubierto la piedra. Esta es la fábrica documentada en todo el recinto inferior, la Villa, y el lienzo externo de la Alcazaba.

Las reformas emprendidas en la Alcazaba supusieron una ampliación de la misma con la creación de un anillo externo que partiendo de la torre M, construida entonces, la rodeaba por el W y el S. Al mismo tiempo supuso la conversión de la torre angular de tapial calicastro anteriormente descrita en lo que ya podría definirse más propiamente como Torre del Homenaje, mediante la creación de una funda de mampostería y el establecimiento de un espacio residencial superior.

Sabemos por alguna información de archivo que la fortaleza

² Algunas intervenciones previas se concentraron en el primer recinto o villa (García 1998 y 1999 y García & Bordes, 1996).

de Moclín fue reocupada tras la conquista. Fue dotada con alcaide y una pequeña tropa y de ello derivaron una serie de reformas de cierta importancia.

Con esta excavación arqueológica hemos podido documentar la evolución constructiva del castillo, además de recuperar un importante conjunto de materiales que nos han resultado especialmente interesantes para aclarar la secuencia cronológica señalada, determinar la función que desempeñaron los distintos espacios constatados en el área estudiada, así como para conocer cómo se satisfacían las necesidades cotidianas de los habitantes de la fortaleza mientras ésta se mantuvo ocupada.

LAS CERÁMICAS HALLADAS EN LAS EXCAVACIONES ALREDEDOR DE LA TORRE DEL HOMENAJE

1. TIPOLOGÍAS/MORFOLOGÍA

La gran cantidad de material cerámico recuperado en el entorno de la Torre del Homenaje ha permitido la identificación de ejemplares pertenecientes a distintos

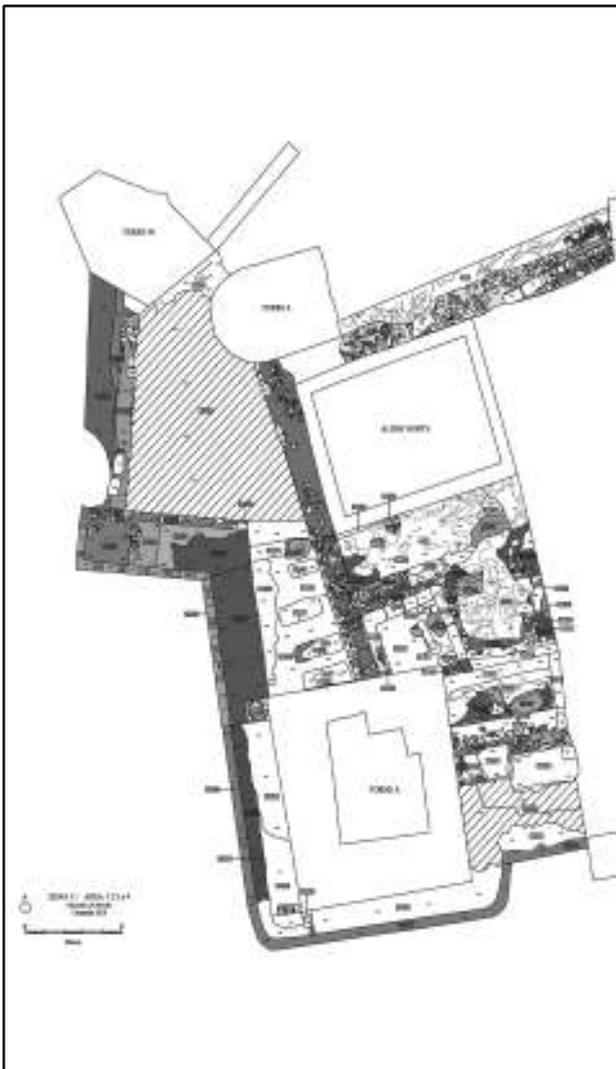


Fig.3 Planimetría final de las excavaciones realizadas en los alrededores de la Torre del Homenaje

grupos funcionales, sin embargo, tres de ellos destacan sobre el resto: cerámica de cocina (38,81 %), vajilla de mesa (35,43 %) y cerámica de almacenaje (20,06 %). No obstante, su distribución es dispar: en los pasillos al E, S y W de la Torre del Homenaje predomina la cerámica de mesa; al N, en el espacio existente entre la Torre y el aljibe principal del castillo, prevalece la de cocina; mientras que en el amplio espacio existente al NW de la Torre del Homenaje es la cerámica de almacenaje la preponderante, concentrándose en esta área el 73,74 % de la misma.

En este contexto es la cerámica de cocina la que nos permite apreciar más claramente la evolución de las formas desde época nazarí a la cristiana. Al concentrarse las producciones en dos series (marmita/olla y cazuela), se puede distinguir nítidamente la evolución tipológica existente. No obstante, se aprecia una clara pervivencia en las formas, produciéndose únicamente pequeñas modificaciones sin cambios drásticos. Hay, por tanto, una evolución lineal y pausada, en la que no tienen lugar grandes innovaciones formales.

En la serie marmita/olla imperan los cuerpos globulares y piriformes, por lo que son los bordes los elementos discriminantes que nos han permitido establecer una secuencia de estas producciones. En un primer período (época nazarí), las marmitas presentan cuellos rectos y de pequeño tamaño, con formas continuas entre el hombro y el borde. En la época de transición entre el período musulmán y el cristiano observamos cómo el cuello es cada vez más desarrollado, recto y esbelto, con la adición de una moldura en el hombro de la pieza. Por su parte, las formas netamente cristianas continúan incrementando el tamaño del cuello, que ahora aparece moldurado y con el borde ligeramente engrosado. Otras formas aparecidas de época moderna presentan unas paredes muy gruesas y tres variantes en el borde de la pieza: en ala, recto con la boca ancha y exvasado con el labio redondeado (Fig. 4).

En la serie cazuela encontramos similitudes con el caso anterior, desarrollándose y haciéndose más complejos los bordes conforme avanza el tiempo. Atribuibles al período nazarí, hallamos cazuelas de paredes muy finas y dos variantes de borde: en ala y de labio recto con moldura exterior y pequeñas asas. En la época de transición las paredes son más gruesas y desaparecen los bordes en ala tan propios del período anterior. En una última fase, ya de época moderna, proliferan las molduras en el cuerpo de la pieza y las pestañas interiores, inicialmente utilizadas en el período nazarí como apoyo a las tapaderas, se desarrollan ahora notablemente, dando lugar a labios bífidos y bordes más complejos (Fig. 4).

En el resto de grupos se pueden apreciar también variaciones entre una época y otra. Así en la cerámica de almacenamiento del período cristiano debe remarcarse la aparición de nuevas series como el cántaro y la sustitución de las bases convexas por otras planas; por su parte, en la vajilla de mesa se generalizan también nuevas series como la escudilla y el plato, y se abandonan los repiés por las bases cóncavas.

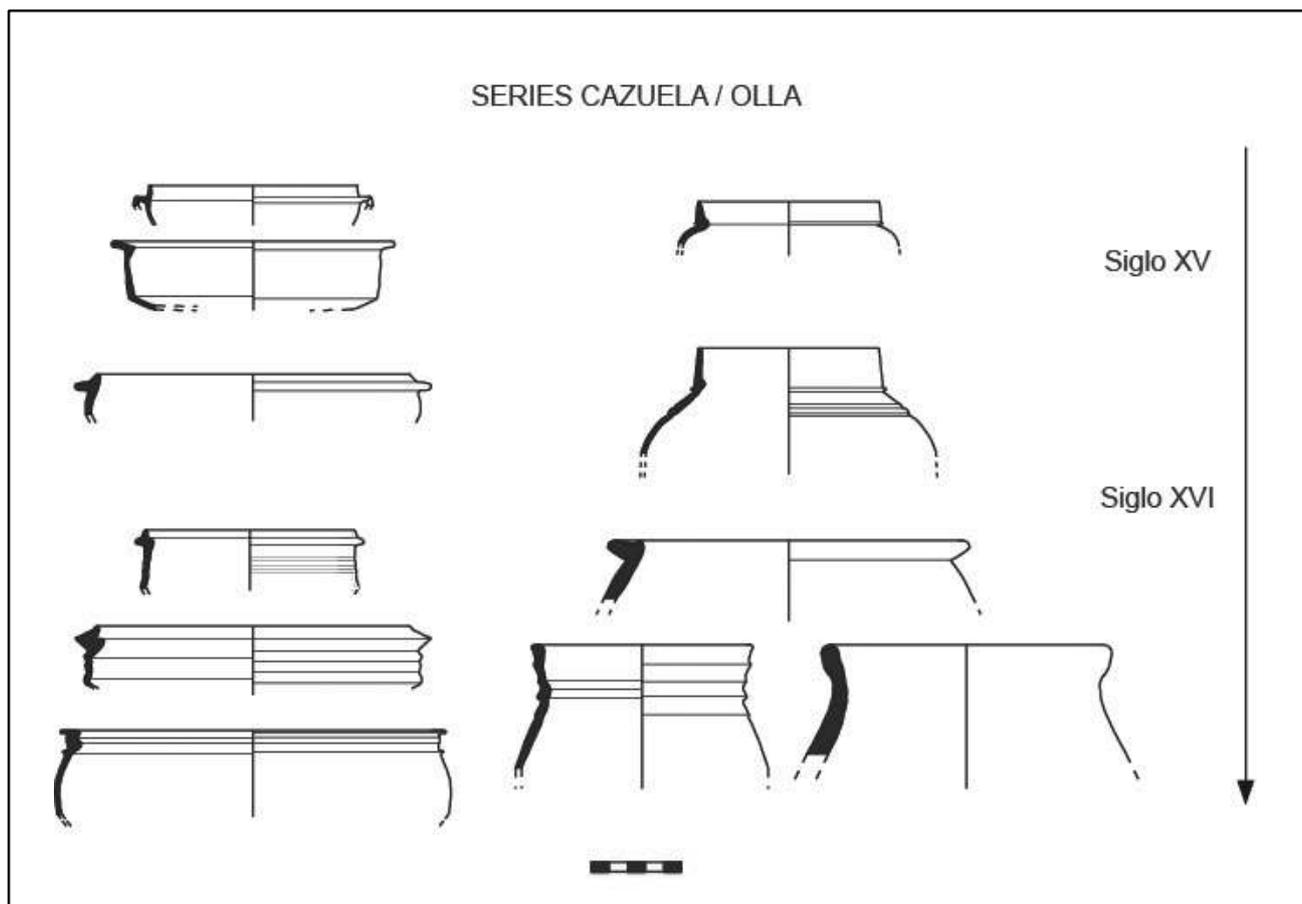


Fig.4 Vajilla de cocina

2. DECORACIÓN

Atendiendo a la ornamentación, podemos distinguir dos grupos principales que constatan la dilatada ocupación de la fortaleza. El primero, compuesto por ejemplares con motivos decorativos propiamente nazaríes, y el segundo con piezas adscribibles claramente al período cristiano.

Los ejemplos principales del repertorio decorativo nazarí son la loza dorada, las piezas con decoración en turquesa y negro, en azul y negro sobre fondo blanco y con estampillado de motivos geométricos y vegetales. Las tres primeras pertenecen, básicamente, a la vajilla de mesa o presentación de alimentos, mientras que la última está más asociada a las piezas de almacenamiento, fundamentalmente tinajas. Mientras que la loza dorada constituye un grupo relativamente bien conocido en el conjunto de las producciones nazaríes, considerada la cerámica por antonomasia de la dinastía y asociada a contextos áulicos o nobiliarios (Flores, 1999 y 2010), los otros ejemplos son menos conocidos. En la cerámica turquesa y negro, documentado mayoritariamente en el entorno de Málaga (Melero, 2012), se desarrolla una profusa decoración de líneas negras, en la que es posible adivinar el árbol de la vida como motivo principal. Por su parte, en la cerámica en azul y negro sobre fondo blanco priman los motivos geométricos y vegetales junto con los epigráficos. Es precisamente la inclusión del color azul –a través del empleo del óxido de cobalto– una novedad

de época nazarí que nos permite fechar esta producción, mientras que los trazos negros parecen estar realizados con manganeso. Su fabricación debe asociarse con la transferencia de conocimientos tecnológicos que se produjo desde el Norte de África a comienzos del emirato nazarí y que parece preceder al surgimiento de la loza dorada (García, 2002). Las claras similitudes con la cerámica hafsi de Túnez así parecen atestiguarlo (Fig. 5).

Por su parte, las piezas decoradas del ámbito cristiano están dominadas por la presencia de producciones de Fajalauza, además de contar con cerámicas pintadas con trazos negros e importaciones. El primer grupo constituye el ejemplo paradigmático de la denominada “cerámica granadina” desde el siglo XVII (Rodríguez, 2011), aunque sus orígenes se remontan a comienzos del siglo XVI; la encontramos en la mayoría de grupos funcionales y presenta decoraciones en azul y/o verde sobre fondo blanco, predominando los motivos vegetales –especialmente la granada– y heráldicos. Destacan también algunos ejemplares de cerámica bucarina, y más concretamente de tipo orfebre; una producción de gran prestigio durante el Siglo de Oro, debido a las estrechas relaciones con la corte de Portugal –lugar desde donde inicialmente se importaban las piezas–, sus cualidades psicotrópicas y los beneficios medicinales que se le presumían. Desconocemos la procedencia exacta de nuestra muestra (Fig. 6).

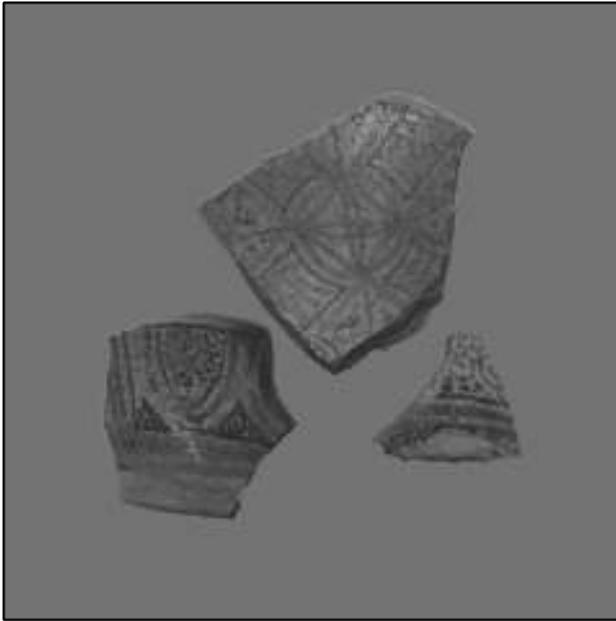


Fig.5 Piezas nazaries decoradas con trazos azules y negros sobre esmalte.



Fig.6 Cerámica de época moderna. Fajalauza y cerámica bucarina.

Por último, es reseñable también la aparición de objetos relacionados con el ocio, tales como una pipa o un silbato zoomórfico.

3. COBERTURA VÍTREA

El estudio del vidriado constituye un caso aparte en el análisis del acabado de nuestras piezas. Gracias a su elevado número, su análisis permite profundizar en cuestiones distintas a la mera definición de una cronología, además de reflexionar acerca de las condiciones tecnológicas de producción.

Cromáticamente las coberturas vítreas identificadas en Moclín se pueden dividir en dos grupos: verdes y meladas-marrones. Las primeras son características del servicio de mesa y de iluminación, mientras que las segundas se corresponden, en su mayoría, con la vajilla de cocina. En el primer grupo encontramos ataifores, escudillas y candiles, y en el segundo predominan cazuelas y marmitas/ollas, con la presencia de algún plato. Por otra parte, la adscripción cronológica de estas piezas se ha realizado por analogía formal con material de otras excavaciones con dataciones fiables (Rodríguez & Revilla, 1997; Lentisco, 2008); a pesar de ello, ha de ser tomada, por el mismo motivo, con bastante cautela.

En este punto, advertimos una clara asociación entre la variación en las coberturas vítreas y determinadas tipologías, adscribibles a un determinado período (nazari o cristiano). Los ataifores –especialmente aquellos con repié–, candiles de pie alto, marmitas de borde recto y poco desarrollado y cazuelas de borde en ala (que conforman los principales elementos del ajuar nazari) presentan vidriados en tonos más claros y uniformes que sus equivalentes cristianos. Este vidriado resulta de gran calidad, sin apenas pérdidas ni impurezas y se distribuye de manera homogénea por toda la pieza. Por su parte, las escudillas, platos, ollas de borde moldurado y marmitas de labio bífido o complejo (vajilla cristiana) muestran un vidriado acabado de manera más irregular. La coloración no es uniforme y posee numerosas alteraciones, producto de una desigual cochura. Cuenta con inclusiones que aportan una imagen de heterogeneidad y las iridiscencias metálicas son más acusadas que en las piezas nazaries.

CONCLUSIONES

Las excavaciones realizadas en los alrededores de la Torre del Homenaje de Moclín nos han ofrecido una interesante representación de piezas que muestran con cierta claridad, a niveles materiales, las grandes transformaciones que tiene lugar en Granada tras la conquista del Reino Nazari por Castilla.

La aparición de algunas piezas decoradas pone de manifiesto las específicas condiciones económicas y sociales que debió disfrutar el grupo humano que ocupaba la alcazaba de Moclín; tanto en los momentos anteriores a la conquista (atestiguado por la cerámica dorada y con decoración en azul y negro sobre fondo blanco), como en el período cristiano

posterior (cerámica bucarina). Más aún cuando piezas como la citada loza dorada se han visto tradicionalmente asociadas a contextos áulicos o claramente privilegiados. No es menos cierto que el escaso porcentaje de las mismas indica su uso restringido a un reducido número de habitantes del castillo, mientras que el grueso del material recogido constituye cerámica de uso común.

Además, la presencia de materiales procedentes de talleres urbanos, quizá lejanos (¿Málaga?), constata cómo, a pesar de la situación fronteriza del castillo, alejado de estos centros, se encontraba plenamente integrado en las vías de distribución interiores del reino, que seguían funcionando sin grandes dificultades. Asimismo, gracias al análisis realizado, podemos remarcar la dilatada ocupación de este emplazamiento, desde época almohade hasta comienzos del siglo XVII. Este hecho remarca su importancia más allá de un mero emplazamiento fronterizo y atestigua su larga ocupación, justificada por una posición privilegiada para el control de todo el territorio circundante.

Por último, la alteración detectada en las coberturas vítreas, nos señala la transición desde una tradición tecnológica perfectamente asentada, como era la nazarí, hacia nuevos modelos productivos. Las causas últimas de este fenómeno son una cuestión aún sin resolver, cuyo estudio precisa de un análisis mucho más extenso y detallado.

BIBLIOGRAFÍA

- FLORES ESCOBOSA, Isabel (1999) - La producción de loza dorada en Almería. In *XXXI Convegno Internazionale della Ceramica*. Albisola: Centro Ligure per la Storia della Ceramica. Pp. 187-194.
- FLORES ESCOBOSA, Isabel (2010) - Aspectos técnicos y decorativos en la loza azul y dorada de la Alhambra. In *Cerámica nazarí – Monografías de la Alhambra 03*, Granada: Patronato de la Alhambra y Generalife. Pp. 220-236.
- GARCÍA PORRAS, Alberto (1998) - Excavaciones arqueológicas en el castillo de Moclín (Granada). Primeros resultados. In MALPICA, Antonio (ed.): *Castillos y territorio en al-Andalus*, Granada: Athos-Pérgamos. Pp. 309-335.
- GARCÍA PORRAS, Alberto (1999) - Intervención arqueológica de urgencia en la zona de acceso al castillo de Moclín. In *Anuario Arqueológico de Andalucía/1994*, Vol. III, Actividades de Urgencia, Sevilla: Dirección General de Bienes Culturales, Junta de Andalucía. Pp. 165-171
- GARCÍA PORRAS, Alberto (2002) - Los orígenes de la cerámica nazarí decorada en azul y dorado. In *XXXV Convegno Internazionale della Ceramica*, Albisola: Centro Ligure per la Storia della Ceramica. Pp. 53-61.
- GARCÍA PORRAS, Alberto (2014) - La frontera del reino nazarí de Granada. Origen y transformaciones de un asentamiento fronterizo a partir de las excavaciones en el castillo de Moclín (Granada). *Revista del Centro de Estudios Históricos de Granada y su Reino*, Nº 26, pp. 53 - 86.
- GARCÍA PORRAS, Alberto, BORDES GARCÍA, Sonia (1996) - Moclín. Un castillo en la frontera del reino nazarí de Granada. In BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de, BUENO RAMÍREZ, Primitiva (eds.) *II Congreso de Arqueología Peninsular*, T. IV - Arqueología Romana y Medieval. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques - Universidad de Alcalá. Pp. 641-651.
- LENTISCO NAVARRO, José Domingo (2008) - El castillo de Lanjarón (Granada). Un análisis a partir del estudio de la cerámica recogida en la intervención arqueológica de 1995. *@rqueología y Territorio*, Nº 5, pp. 141-159.
- MELERO GARCÍA, Francisco (2012) - La cerámica de época nazarí del vertedero medieval de Cártama. *@rqueología y Territorio*, Nº 9, pp. 157-171.
- RODRÍGUEZ AGUILERA, Ángel *et alii* (2011) - *Cerámica común granadina del Seiscientos*, Granada: Gespad.
- RODRÍGUEZ AGUILERA, Ángel, REVILLA NEGRO, Luis de la (1997) - La cerámica cristiana de los siglos XVI-XVII de la ciudad de Granada. In *Transferències i comerç de ceràmica a l'Europa mediterrània (segles XIV.XVII)*. Palma: Institut d'Estudis Baleàrics. Pp. 147-168.
- ROSELL, Cayetano de (ed.) (1953) - *Crónica del Rey don Alfonso décimo*. In *Crónicas de los Reyes de Castilla*, I, T. 66 Biblioteca de Autores de España. Madrid: Imprenta de los sucesores de Hernando.